



*Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.*

*O escaravelho do diabo*

© Lúcia Machado de Almeida, 1973

**Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica** Mário Ghio Júnior

**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial** Paulo Nascimento Verano

**Edição** Fabiane Zorn, Camila Saraiva

## ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.), Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico & redesenho do logo** Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

**Capa** montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Mário Cafiero

**Editoração eletrônica** Balão Editorial

## REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.) e Balão Editorial

## ICONOGRAFIA

Sílvio Klígin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf

e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** Acervo da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (p. 188 e 190)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A445e

28. ed.

Almeida, Lúcia Machado de, 1910-2005

O escaravelho do diabo / Lúcia Machado de Almeida. - 28. ed. -

São Paulo : Ática, 2015.

192 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-17353-2

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

12-22279

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 738543

CAE 546763

2016

28ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A decorative graphic consisting of a series of black dots forming a wavy, looping path that starts from the top left and ends near the top right.

# O Escaravelho do Diabo

LÚCIA MACHADO  
DE ALMEIDA

*Série Vaga-Lume*

A decorative graphic consisting of a series of white dashed lines forming a wavy, looping path that starts from the bottom left and ends near the bottom right.

**ea**

editora ática



# Hipnotizando leitores desde o tempo do bonde

O *ESCARAVELHO DO DIABO* FOI PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ NO ANO DE 1956, na antiga revista *O Cruzeiro*. A cada semana um capítulo da história chegava às mãos dos leitores que, atiçados pelo suspense, não perdiam os seguintes.

O curioso é que a narrativa primeiro cativou os adultos, pois eram eles que liam a revista. No início da década de 1970, a história passou a ser publicada em livro na série Vaga-Lume, na qual permanece até hoje. Foi só então que os jovens se tornaram a maioria dos seus leitores e, com o grande sucesso entre o público, a obra se tornou um marco na história da literatura infantojuvenil brasileira.

Citada por diversas gerações como uma de suas leituras inesquecíveis, esta consagrada obra traz um belo retrato dos hábitos culturais brasileiros dos anos 1950. Sua leitura nos transporta para um tempo em que os bondes ainda circulavam nas ruas, o padeiro vendia e entregava pão de carrocinha, motorista de táxi ou de ônibus era chamado de chofer, caneta-tinteiro ou máquina datilográfica era o que se usava para escrever e despesa se pagava com cruzeiros.


Lá se vão anos e *O escaravelho do diabo* continua a sua trajetória, agradando tanto a leitores iniciantes como aos mais exigentes. Boa literatura é assim: ultrapassa as fronteiras do tempo e permanece sempre atual, proporcionando prazer.



*sumário*

capítulo 1.	
O mensageiro da morte	<b>9</b>
capítulo 2.	
Os hóspedes da irlandesa	<b>17</b>
capítulo 3.	
A espada espanhola	<b>22</b>
capítulo 4.	
Clarence O'Shea	<b>27</b>
capítulo 5.	
<i>Hipophenemus toxicodendri</i>	<b>33</b>
capítulo 6.	
Suspeitas	<b>40</b>
capítulo 7.	
Alberto prepara a máquina fotográfica	<b>46</b>
capítulo 8.	
Uma praça de touros em Sevilha	<b>48</b>
capítulo 9.	
A zarabatana fatal	<b>52</b>
capítulo 10.	
O pássaro ruivo	<b>59</b>
capítulo 11.	
O visitante noturno	<b>66</b>
capítulo 12.	
As cabeleiras vermelhas	<b>73</b>
capítulo 13.	
O besouro de papelão vermelho	<b>83</b>





capítulo 14.	
O “inseto” age	<b>90</b>
capítulo 15.	
Entre a vida e a morte	<b>97</b>
capítulo 16.	
Rachel fala do “inseto”	<b>104</b>
capítulo 17.	
Pânico na cidade	<b>114</b>
capítulo 18.	
A sombra	<b>122</b>
capítulo 19.	
As luvas vermelhas	<b>132</b>
capítulo 20.	
Aperta-se o cerco	<b>141</b>
capítulo 21.	
O último ruivo	<b>150</b>
capítulo 22.	
O <i>Bembidion ustulatum</i>	<b>160</b>
capítulo 23.	
<i>Intermezzo</i>	<b>168</b>
capítulo 24.	
O <i>Ignicornius diabolicus</i>	<b>170</b>
capítulo 25.	
Os passos de Rudolf Bartels	<b>178</b>
Saiba mais sobre <i>Lúcia Machado de Almeida</i>	<b>188</b>





## 1. O mensageiro da morte

— HUGO, UM PACOTE PARA VOCÊ! — gritou Alberto, recebendo um pequeno embrulho das mãos do carteiro. Assinou o nome do irmão no papelzinho e foi levar-lhe a encomenda.

Hugo, que acabara de fazer a barba, mirava-se no espelho, ensaiando olhares longos e fatais para lançar às garotas na primeira oportunidade. O cristal refletia um rosto sardento de 18 anos, extremamente simpático e sadio, aureolado por cabelos tão vermelhos que o moço era conhecido por Foguinho.

— Deve ser presente de alguma admiradora — disse ele, alegremente, examinando o endereço escrito à máquina.

O barbante foi desatado, o embrulho desfeito e apareceu uma pequena caixa de forma retangular.

— Oba! Que é isso? Que coisa esquisita! Um bicho... — gritou Foguinho, tirando de dentro um grande besouro negro com uma espécie de chifre na testa.

A carapaça do inseto tinha reflexos azulados e seu corpo media cerca de quatro centímetros. Um comprido alfinete en-

tomológico fixava-o a um pedaço de rolha, o que provava ter ele sido retirado de alguma coleção.

Os dois rapazes aproximaram-se da janela aberta a fim de melhor examinarem o estranho besouro.

— Veja se isto é cara que se apresente em público! — disse Hugo, um tanto desapontado. — Queria saber qual foi o camarada que me pregou esta peça...

— Jogue fora o estuporzinho logo, de uma vez! — aconselhou Alberto.

Hugo examinou o inseto ainda por algum tempo e depois disse pensativamente:

— Nada disso. Estou desconfiado de que foi Carlos o autor da brincadeira. Ele gosta muito de pregar peças nos outros. Vou averiguar a coisa e, conforme for, mandarei o escaravelho de volta para ele, dentro da mesma caixa e embrulhado no mesmo papel.

Assim dizendo, Foguinho colocou o besouro em cima de uma estante de livros e procurou não pensar mais no caso.

— Como é, vamos ao baile hoje?

— Claro. Vai ser uma curtição.

— Quero ser o primeiro a chegar e o último a sair.

— Então você fica e eu volto. O exame é depois de amanhã e ainda quero repassar uns pontos. Essa tal de anatomopatologia é um caso sério!

— Ai, ai — disse Hugo, irônico. — Eu só quero ver o doutorzinho de anel com pedra verde no dedo...

— Ainda faltam dois anos para isso, seu bobo! Dois anos!

Que chateação! — repetiu Alberto, aproximando-se da folhinha dependurada na parede e arrancando a folha que marcava o dia da véspera.

— Que bom! Só falta uma semana para os “velhos” chegarem da América! — exclamou Hugo. — Pedi a papai que desse uns beijinhos por mim na Marilyn Monroe. Puxa! Aquilo é que é mulher!

— Fan-tás-ti-ca! — tornou Alberto pronunciando demoradamente cada sílaba.

Os dois irmãos conversaram ainda algum tempo e depois cada qual tomou seu rumo.

\*\*\*

— Dez horas e seu Hugo ainda não se levantou — disse a arrumadeira. — A gente desde cedo no batente e o mocinho no bem-bom... Isso até é desaforo.

— Deixe o rapaz dormir — falou o jardineiro. — Com certeza chegou tarde essa noite.

— Não chegou não. O baile foi antes de ontem. Você protege o menino um bocado, hem? — tornou a moça, passando a enceradeira elétrica no chão da sala.

— Quem sabe se está doente?

— Ele que se arrume!...

Pouco depois do meio-dia Alberto chegou da faculdade de medicina e foi diretamente para o quarto do irmão a fim de comentar com ele a prova que acabara de fazer.

Estranhando encontrar a porta fechada por dentro, deu nela duas pancadas e chamou:

— Hugo! Hugo! — insistiu ele, vagamente inquieto.

— Hugo! Hugo! Abra, sou eu, Alberto.

Ninguém respondeu.

— Ele não se levantou até agora — disse a arrumadeira, aproximando-se.

Aflito, Alberto afastou-se da porta e, num forte impulso, atirou-se violentamente contra ela. A madeira cedeu e... um quadro horrível apresentou-se diante daqueles dois olhos assustados: Hugo estava deitado no leito, com uma comprida espada fincada no peito, do lado esquerdo!

Sem se incomodar com a arrumadeira, que soltara um grito agudo e caíra no chão desacordada, Alberto correu para o irmão, procurando encontrar-lhe o pulso. Em vão: o corpo estava frio; Hugo já era cadáver. Sem se conter, Alberto caiu de joelhos e se pôs a soluçar.

— O que foi? O que é isso? — perguntavam a um tempo o copeiro, a cozinheira e o jardineiro, que vieram correndo.

Alberto olhou-os sem responder, e depois, num esforço violento, levantou-se e saiu do quarto, dizendo com voz trêmula:

— Não toquem em nada. Deixem tudo como está.

Correu para o telefone e agitadoamente se pôs a procurar um número.

— Está bem — respondeu o delegado de plantão. — Vou requisitar imediatamente a polícia técnica e avisar o Serviço de Medicina Legal.

Em poucos instantes a casa ficou cheia de parentes e vizinhos. O que mais intrigava a todos era aquela enorme espada cravada no peito do morto. Por que teria sido deixada ali?

Minutos depois chegavam os dois peritos da polícia técnica, um médico e um enfermeiro. Ninguém, além deles e de Alberto, entrou mais no quarto.

— Hum... — fez o médico, depois de examinar o corpo com minúcia. — Hemorragia interna... E o óbito deve ter ocorrido há umas 12 horas, mais ou menos. À meia-noite, provavelmente.

— É estranho — observou um dos peritos. — Não há o menor sinal de luta.

O médico ficou pensativo, inspirou lenta e profundamente, e depois disse:

— Vocês não estão sentindo um leve cheiro de clorofórmio?

De fato. Um odor discreto, ligeiramente enjoativo e adocicado se fazia sentir, confirmando a suposição do médico.

— Vocês querem dizer que meu irmão morreu narcotizado?

— Sim e não. O assassino provavelmente encontrou-o dormindo, aplicou-lhe um lenço embebido em clorofórmio e em seguida cravou-lhe a espada no peito. E o sujeito tinha boa pontaria, pois o golpe foi direitinho no coração.

— Não é possível morrer assim, estupidamente, à toa!... — exclamou Alberto angustiado. — Meu irmão não tinha inimigos, todo mundo gostava dele! O que não posso absolutamente compreender é a razão pela qual o criminoso usou essa espécie de arma, fazendo questão de deixá-la assim junto da vítima. Seria algum louco o assassino? E que espada é essa?

Um dos peritos abriu com cuidado o pano branco onde a lâmina estava depositada e examinou detidamente o punho esculpido com arte.

— É uma espada espanhola, provavelmente fabricada em Toledo, em princípios do século XVII — disse ele. — Venho fazendo muitos estudos nesse sentido. Acabei de ler um livro em que vi uma fotografia igualzinha a ela.

— Duvido que o assassino tenha deixado impressões digitais — comentou o médico.

— Com certeza foi bem precavido e usou luvas — disse o enfermeiro.

Alberto saiu do quarto a fim de tentar uma ligação telefônica para Washington, onde seus pais se achavam. Como contar-lhes um acontecimento tão trágico e tão... estranho?

Os peritos terminaram o levantamento topográfico do quarto e retiraram-se.

A casa era térrea — uma arrojada e confortável construção de linhas modernas — e os dormitórios dos rapazes ficavam na parte de trás, em frente a uma piscina. Hugo dormia de janelas abertas, sem se preocupar com o perigo que isso representava. Fácil deveria ter sido a qualquer pessoa entrar no quarto dele, portanto.

As coisas seguiram o seu rumo normal. O médico deu o atestado de óbito e o inspetor Pimentel tomou conta do caso. Sua primeira providência foi reunir todos os empregados da casa. A cozinheira servia a família havia já 15 anos e adorava Hugo. O jardineiro — o único que dormia fora, num bairro

distante — também gostava muito do rapaz. Quanto à arrumadeira e Pedro, o copeiro, eram indiferentes, cumpriam mecanicamente as suas obrigações sem afeição especial aos patrões. Todos tinham, ou melhor, não tinham álibis, pois à hora do crime dormiam sossegadamente nos respectivos quartos. Ninguém tinha visto ou ouvido coisa alguma.

— Eu estava até sonhando com cobras — disse Elza.

Pedro disfarçadamente puxou um lápis e anotou o fato num caderninho, a fim de aproveitar o palpite na loteria.

Era perfeitamente lógico o que os criados diziam, entretanto nada disso afastava as suspeitas de cada um. Por outro lado, no colégio onde estudava e na sociedade que frequentava, Hugo era querido por todos. Jamais se envolvera em brigas, jamais prejudicara quem quer que fosse.

— Havia mulheres na vida dele? — perguntou o inspetor.

— Muitas em geral, nenhuma em particular — disse Alberto. Hugo fazia bastante sucesso entre as meninas. Era alegre, esportivo, dançava bem, flertava sem compromissos.

— Esse caso é muito estranho — tornou o inspetor. — Quem sabe se o assassino assustou-se com algum ruído inesperado e abandonou rapidamente a vítima, sem tempo nem de retirar a arma? De qualquer modo, vou percorrer os antiquários da cidade para ver se descobrimos de onde saiu a tal velharia. Talvez surja daí alguma pista.

\*\*\*

Três dias depois chegaram os desolados genitores de Hugo. Seu pai era um físico de fama mundial e iniciava uma série de viagens de estudo pelo estrangeiro.

Um prêmio de 50 milhões de cruzeiros foi prometido a quem descobrisse o assassino. Alberto não se conformava. Tinha emagrecido e seus olhos azuis, ligeiramente oblíquos, ainda mais longos pareciam no rosto moreno, formoso e grave.

Jurara a si mesmo tentar o impossível para esclarecer a morte de Hugo. De uma coisa ele nem de leve suspeitava: aquilo era apenas o começo. O começo de uma série de fatos terríveis e absurdos que iriam encher de pânico Vista Alegre, até então uma das mais lindas e pacatas cidades do Brasil.